



**Uma Análise crítica do filme “O enigma de uma vida”, de Frank Perry (EUA, 1968)**  
**(*The swimmer*)**

Neddy Merrill, interpretado por Burt Lancaster, é o publicitário de meia idade que tem a ideia de voltar para casa nadando por todas as piscinas das casas da vizinhança, um bairro rico nas quais era comum ter uma piscina e, em torno delas, festas, recepções, bebidas e fofocas. Não se sabe bem porque Neddy de repente, apareceu numa das piscinas da casa de um casal de amigos, vestido apenas com uma sunga de natação e decide naquela manhã de domingo, voltar para casa atravessando a nado cada piscina de vizinhos amigos e conhecidos. Decide percorrer o “Rio Lucinda”, como ele denominou o trajeto de piscinas das casas da vizinhança que termina em sua própria casa.

Lucinda é o nome de sua esposa que ele espera encontrar na volta ao lado de suas filhas. Ao decidir, esportivamente, voltar para casa nadando pelas piscinas de seus amigos, o homem de meia idade quer demonstrar, como ponto de honra, sua boa forma atlética. Talvez seja esta a prova de que Neddy Merrill superou o fardo do tempo. Entretanto, no decorrer de seu trajeto ocorrem pequenas dissonâncias, que são como pedras no caminho de Neddy. Aos poucos, na medida em que cruza as piscinas de seu “Rio Lucinda”, Neddy Merrill experimenta um desconforto cada vez maior, com seus vizinhos amigos e conhecidos, demonstrando cada vez mais hostilidade.

O filme de Frank Perry, produzido em 1968, foi baseado no conto homônimo do escritor norte-americano John Cheever (1912-1982). Numa crítica de 2012, Luiz Zanin compara Neddy Merrill a Ulisses. Diz ele: “Qual um Ulisses, volta para a sua própria casa, que julga intacta e à sua

espera. Mas, também com o personagem de Homero, *não escapa ao poder transformador da viagem, ou ao desgaste da ação do tempo*. A Odisseia parece, de fato, uma fonte de inspiração (até mais para o filme do que para o conto) nítida, embora talvez não de todo consciente” [o grifo é nosso]<sup>1</sup>.

Mas Neddy Merrill não é Ulisses, o herói homérico, mas sim o *anti-herói da modernidade tardia do capital*. A viagem de piscina em piscina que ele decide fazer não exerceu sobre ele nenhum efeito catártico, mas sim, produziu uma *sensação de estranhamento*. Neddy Merrill, o nadador, é um homem imerso em *fantasias* e sentimentos de *auto-engano*. Não podemos considerar a viagem de Neddy Merrill pelo Rio Lucinda como sendo um percurso de desilusão e desencanto. Não sabemos se no final de seu percurso como nadador, ele consumou a autoconsciência de si por meio da desilusão e desencanto, capaz de fazê-lo reerguer-se. Na verdade, não existe *catarse* na Odisséia grotesca de Neddy Merrill.



A modernidade clássica utilizou o mito da Odisséia para representar *o caminho* como sendo um processo de auto-conhecimento do sujeito. No decorrer do processo narrativo construído no espaço-tempo do caminho percorrido, desvelava-se o ser do personagem. É a representação narrativa do trabalho da vida como *Entäusserung*, a idéia de uma vinda-para-fora, um sair de si, e também uma objetivação, um “fazer-se ser” ou “ser-aí”. *Entäusserung* também significa literalmente “externalização” – o sujeito sai de si ao deparar-se com o mundo exterior – o mundo estranho que contribui para seu auto-desenvolvimento pessoal. Nesse caso, o “sair-se de si” confunde-se com o “fazer-se ser”. Como diria Hegel, “O indivíduo não pode saber o que ele é, antes de se ter levado a efetividade através do agir.” Por exemplo, na cena final de “Tempos Modernos” (*Modern Times*), de

---

<sup>1</sup> <http://cultura.estadao.com.br/blogs/luiz-zanin/o-nadador-enigma-de-uma-vida/>. Acesso em 11/03/2017.

Charles Chaplin (1936), Carlitos e a garota são obrigados a percorrer *o caminho*, mas conduzindo o sentimento da esperança. A consciência-de-si no mundo era um valor ético-moral capaz de alavancar o auto-desenvolvimento pessoal, mesmo nas condições adversas do mundo do capital. O herói típico da modernidade clássica era o herói trágico, mas efetivo como “ser-aí”. Essa temática clássica do *road movie* encontra-se também nos filmes de John Ford - “Nos tempos da diligência” (1930) e “Vinhas da Ira” (1940).

Mas, a partir de meados da década de 1960, no alvorecer da crise estrutural do capital, manifesta-se a dimensão trágica da Odisséia da modernidade – não uma tragédia catártica capaz de contribuir para o auto-desenvolvimento pessoal, mas uma tragédia grotesca, onde o processo da vida, o caminho, aparece como “fazer-se Nada”. Deste modo, o cinema da alta modernidade fordista (ou americanista) interverteu o sentido do mito da Odisséia – estamos diante de uma Odisséia estranhada. Assim, percorrer o caminho pode significar *não* o “fazer-se ser”, mas sim, o “fazer-se Nada”. É o caso por exemplo, dos filmes “Sem Destino” (Easy Rider), de Dennis Hooper; ou mesmo “Corrida contra o destino” (*Vanishing point*), de Richard C. Sarafian (1971) – ou mesmo “2001 – Uma Odisseia no Espaço”, de Stanley Kubrick (1968). Assim, a crise da alta modernidade fordista (ou americanista) fez com que percorrer *o caminho* não representasse mais o processo de autoconsciência do sujeito (ou a fenomenologia do Espírito), mas apenas estranheza e sofrimento do anti-herói, um herói grotesco em contraposição ao herói trágico capaz de catarse. Portanto, não existem *heróis trágicos* no sentido clássico na modernidade tardia, mas apenas anti-heróis grotescos incapazes de auto-desenvolvimento pessoal nas condições adversas da crise estrutural do capital.

Deste modo, *não* podemos afirmar que o *caminho* percorrido por Neddy Merrill, o que ele denomina de Rio Lucinda, tenha sido efetivamente um percurso catártico de desilusão e desencanto, e portanto de catarse pessoal, auto-conhecimento, conhecimento de si, mas sim, apenas um percurso de estranheza, sofrimento e derrocada do homem imerso num transtorno narcísico ou ensimesmado.

Logo no início do filme, Neddy Merrill surge do nada, quase como um semi-deus saindo de uma floresta vestido apenas com uma sunga de natação. A câmera o acompanha do alto. No filme “The swimmer”, a natureza exuberante está presente não apenas na abertura do filme, mas acompanha Neddy Merrill em seu percurso. A natureza aparece deslumbrante como o céu azul, claro e fascinante no começo da manhã; ou ainda, o cavalo vigoroso e indomável que desafia Neddy Merrill para uma disputa, vencida pelo animal. Entretanto, aos poucos, a natureza torna-se sombria e instável como o tempo meteorológica que prenuncia uma tempestade no decorrer daquele domingo. Tal como as pessoas que Ned Merrill encontrou no seu percurso como nadador, de piscina em piscina, o tempo enevoado prevendo tempestade pareceu vingar-se de quem desafia a natureza que flui inexoravelmente.



Logo ao chegar na piscina do casal Westerhazy, Neddy cruza a piscina a nado, demonstrando vigor e força. Ao sair da piscina, é recepcionado com um drink. Depois cumprimenta Dan e Helen Westerhazy que estão com ressacas da bebedeira de sábado a noite. É o modo de vida étílico da “classe média” alienada. Ele cumprimenta também o casal Stu e Peggy Forsburgh. Em pleno domingo, Stu está vestido como homem de negócios. Parece que vai viajar a serviço. É o trabalho invadindo o tempo livre. Stu parece estar bem-sucedido nos negócios, embora não esteja como Neddy, em boa forma física. O domingo está claro e radiante. O dia ensolarado foi apreciado por todos. Naquela manhã inspiradora, além dele rever amigos que não via há tempos, Ned decide voltar para casa atravessando a nado cada piscina de vizinhos do condado de Columbia. Naquele momento, ele imagina estar diante de um mapa imaginário formado pelas piscinas dos amigos que lhe levariam até sua casa. Primeiro, a piscina dos Grahams, depois a dos Lears, Bunkers, Halloran, Gilmartins, Bishwanger e por último – Shirley Abbot. O *close* no olhar distante de Neddy, contemplando o mapa do percurso na paisagem do vale, parece celebrar não apenas sua aventura imaginária, mas nos mostrou, pela primeira vez, que estávamos diante de um homem solitário, imerso num mundo de imaginação permeado de auto-engano que irá se desvelar pouco a pouco no decorrer da narrativa fílmica.



Para Neddy Merrill o tempo não passou. Talvez o ensimesmamento tenha paralisado a sua percepção do fluxo do tempo. As pessoas o tratam como o velho Neddy que todos conhecem e reconhecem, embora ele tenha sumido ultimamente. Há tempo ele não encontrava os amigos. Fica a interrogação: por onde andou Neddy Merrill? O amigo Donald Westerhazy, perguntou a ele: *Where have you been keeping yourself?*. Ned Merrill respondeu de modo vago: *Oh, here and there. Here and there*. Mas nada sabemos do tempo passado de Ned Merrill. Ele é um homem sem passado que parece viver no eterno tempo presente, cultivando fantasias sobre um status e prestígio que não tem mais.

Podemos nos interrogar: seria o pequeno conto de John Cheever, filmado por Frank Perry e com roteiro de Eleano Perry, sua esposa, uma metáfora dos EUA em fins da década de 1960? Não seria Ned Merrill a personificação do *American dream*? Neddy idealiza a família: Lucinda e as filhas. A família e o sucesso nos negócios são valores supremos da classe média suburbana norte-americana representante ideológico do *American way of life*. Aos poucos iremos perceber que Neddy Merrill alienou-se da família e do sucesso profissional. Ele parece ocultar - conscientemente - sua derrocada pessoal. Na verdade, ele é um homem fracassado que não poderia encarar a si próprio sendo o que efetivamente é. Nesse caso, a ideologia do sucesso profissional, obsessão do *American way of life*, produziu sua contrapartida alienada: o auto-engano.

A chegada de Neddy Merrill como um semi-deus descido do Olimpo, aparecendo na piscinas dos Westerhazy, vestido apenas com uma sunga de natação, pode nos fazer compara-lo com Narciso, o herói mitológico do território de Téspias, Beócia, famoso por sua beleza e orgulho? Essa é outra linha de interpretação possível. Neddy Merrill é Narciso apenas na medida em que olha só para si mesmo - esta *ensimesmado*. O “recolher-se em si mesmo” é o perigo de quem dedica toda vida a satisfazer necessidades que não atendem ao verdadeiro anseio humano de se auto-realizar e que fracassa na sua empreitada pessoal. Perguntemos: em que medida Neddy Merrill expressou a vaidade, a insensibilidade e a incapacidade de autoconhecimento que o fez tornar-se prisioneiro do mundo das sombras e portanto, prisioneiro do auto-engano? – esta é a questão. Nesse caso, o tema do narcisismo de Neddy Merrill se vincula à questão do auto-engano provocado pelo seu suposto “amor próprio” exacerbado – que, no fundo, é a alienação de si mesmo - e a dificuldade do autoconhecimento e reconhecimento do outro (alteridade) - processos sócio-psicológicos umbilicalmente ligados.

Existe um ingrediente presente no auto-engano: o *medo*, um dos motores mais poderosos para nos impelir em direção a algo ou que nos distancia de algo; e no *auto-engano* existe um medo profundo, que é o *medo de se encontrar*. Talvez Neddy Merrill tenha se interrogado: “Eu não sei quem sou, mas tenho medo de saber, pois a hora que eu realmente souber, eu tenho que me responsabilizar pelo que sei. E o que faço com essa responsabilidade?”.

Neddy Merrill é o *homem fracassado*. Eis o profundo *horror* de um homem da “sociedade do sucesso”. Perguntemo: o que levou Ned Merrill ao fracasso profissional e familiar? (vimos que um fracasso está ligado ao outro). Talvez o fracasso profissional (e familiar) tenha origem na singularidade do homem singular, sua *personalidade ensimesmada* que contém elementos de narcisismo intrínsecos à sociabilidade alienada do capital. O *gentleman* Ned Merrill oculta o homem narcisico incapaz de reconhecer o outro e a si mesmo.

Existem pelo menos dois detalhes que aparecem na narrativa filmica que expõem o desprezo de Neddy Merrill pelo outro-como-próximo: por exemplo, ele não visitou o amigo Eric Hammar, adoecido, quando estava no hospital e, além disso, manipulou a seu bel-prazer e fez sofrer a amante Shirley Abbot, buscando tão-somente preservar a aparência familiar. Por trás do homem desportivo e simpático, vislumbramos, aos poucos, uma personalidade demasiadamente narcisica e auto-centrada que criou para si, um mundo imaginário da familia burguesa idealizada.

Ao invés de se contemplar numa fonte límpida de águas cristalinas, tal como Narciso, Neddy Merrill preferiu cruzar a nado piscinas, cumprindo um desafio de vigor fisico, como a demonstrar para si e para os outros, que conseguira vencer a passagem do tempo. A "presentificacao" de Neddy Merrill é quase um recurso ideológico estranhado capaz de ocultar o inferno do seu fracasso pessoal. Ele parece agir contra os ciclos vitais da natureza - nascer, crescer, envelhecer e morrer. Por isso que, no seu íntimo, procura manter-se sempre jovem, em forma fisicamente, deixando-se apreciar pelos Westerhazy em sua desenvoltura na piscina e ousadia de percorrer o Rio Lucinda - logo ele naquela idade...O culto do corpo denuncia a alienação da futuridade. Mas não apenas isso: Neddy parece desconsiderar seu passado de canalha.

Portanto, o percurso de Ned Merrill no filme “The swimmer” é também quase uma prestação de contas com seu passado alienado, reprimido pela sua consciência. Aos poucos, o reprimido se manifesta diante de si. É através dos outros, os amigos de Neddy, que conheceremos fragmentos do seu tempo passado e de si próprio. Existe uma imensa lacuna entre o que Neddy apresenta de si e o que ele foi e realmente é. No decorrer do filme, iremos compor o quebra-cabeça do enigma da vida de Ned Merryl, não através dele próprio, mas dos outros. Eis a dialética do filme de Frank Perry. Os outros revelam mais de nós mesmos do que nós próprios conseguimos nos revelar.

De imediato, a primeira transgressão que percebemos em “The swimmer”: Neddy confronta a Natureza exuberante que está diante de si, o meio natural que contém o ciclo do tempo, pois renega, como dissemos acima, o ciclo vital que lhe é intrínseco. Talvez ele queira congelar o tempo para ocultar seu fracasso existencial. Deste modo, como fenômeno histórico, a *presentificação crônica* que caracteriza a era do capitalismo manipulatorio não seria, do mesmo modo, uma operação ideológica para ocultar a perda de futuridade do capitalismo? Não seríamos todos nós um pouco Ned

Merril quando nos *ensimesmamos*, nos alienamos de nós mesmos e dos outros, renegamos os ciclos vitais e não percebemos a falta de futuridade intrínseca à civilização do capital?.

Na piscina dos Westerhazy, temos um breve diálogo com reminiscências da infância e adolescência de Ned com velhos amigos. Nada parece estar fora de lugar. Embora Neddy pareça um homem extrovertido, cordial e gentil, um verdadeiro *gentleman*, ele se desvela também, nesse momento, como um *homem ensimesmado*. Ele não pertence àquele mundo social. Algo impedia que ele ficasse ali, conversando com os Westerhazy e Forsburgh. Ele não queria acompanhá-los até a piscina dos Grahams, querendo, sozinho, percorrer o trajeto de piscina em piscina. Ao invés de interagir com os outros, Neddy queria viver sua odisséia imaginária pelo Rio Lucinda.

Ao chegar na piscina dos Grahams, ele é bem recebido por Howard e Betty Graham. O casal vangloria a nova piscina que tem um filtro capaz de reter 99,99 % de resíduos sólidos. Howard fez um alto investimento na piscina, mas nunca se interessou em levar a esposa para viagens. O apego às coisas ou às aparências contrasta-se com o desprezo pela fruição da vida. Mas, Neddy pareceu indiferente a tais detalhes da vaidade burguesa. Ele quer apenas cruzar a nado a piscina. Entretanto, logo se depara com a primeira reação hostil. Ele é reconhecido pela Sra. Hammer. Ned pergunta pelo filho dela. Ela, profundamente ressentida, acusa Neddy de ter desprezado o filho Eric quando ele ficou doente. Parece que Neddy acordou de um lapso de tempo - não lembra do fato constrangedor. Ouve em silêncio a ameaça da mãe indignada. Ele vira-se e se retira da propriedade dela, seguindo sua trilha pelo Rio Lucinda.

Ned tem um alto débito com o passado que ele não quer reconhecer. Ele desconhece seu gesto de ingratidão e desprezo pelo outro. Percebemos aos poucos que existe algo de podre no mundo pessoal de Neddy Merryll. A loucura do auto-engano constrói-se sob escombros não reconhecidos do tempo passado, passado esquecido que provavelmente incomodasse Neddy, sendo isto parte do enigma que ele se recusa a reconhecer.



Em vários momentos do filme, Ned se depara, pouco a pouco, com elementos de sua própria desgraça pessoal e familiar. A Sra. Hammer é a primeira a expor a canalhice de Ned – expulsou-o de sua propriedade. Mas percebemos desde o início do filme, expressões estupefatas e silenciosas dos amigos quando Ned faz referência a sua mulher e filhas – por exemplo, o casal Westerhazy e Forsburgh. Eles sabem o que aconteceu à família Merrill. Mas Neddy vive num mundo imaginário, fantasioso com respeito a si e aos outros. Mas, pouco a pouco, ele depara-se com estranhos que lhe expõem suas falhas de caráter e fracassos. A vida não lhe perdoa por auto-enganar-se. É falso acreditar que, o que construímos a respeito de nós e dos outros é real ou existe sem passar pelo crivo do próprio real – que são os outros.

Após ser expulso da propriedade da Sra. Hammer, Neddy prossegue sua exploração pelas margens do Rio Lucinda. Percebemos um homem introvertido com seu enigma pessoal. Imagens cintilantes brotam da sua mente ensimesmada – de repente a imagem de um cavalo selvagem disparando na planície: um anseio de liberdade? De repente, lembramos a canção “Wild Horses”, dos Rolling Stones (“Wild horses/Couldn’t drag me away/Wild, wild horses/We’ll ride them someday”). Logo a seguir, ele disputa corrida com um cavalo indomito, como a provar para si sua virilidade, juventude, resistência à passagem do tempo – no íntimo um anseio de liberdade, uma pulsão de vida que se manifesta de forma alienada. Apesar do esforço na corrida, Ned consegue vencer o cavalo. Entretanto, Neddy o reverencia como símbolo de potência e vigor físico que ele quer demonstrar também percorrendo a nado o Rio Lucinda.



Na terceira piscina do Rio Lucinda, a piscina da família Lears, Neddy encontra a linda jovem Julie Ann Hooper, ex-baby sitter da sua família. Julie acompanha seu irmão, namorado da filha dos Lears. A ex-baby sitter é um laço com seu passado glorioso. Ao lado da beleza sublime de Julie, Neddy sente-se jovem. Apesar de reconhecer que ela cresceu (ela e o irmão dela), Neddy a vê como uma personificação do tempo passado. Neddy sente nostalgia pela imagem do passado idealizado. Ao



convida-la para ser novamente *baby-sitter*, ele expressou sua fantasia de resgatar aquela cena familiar do passado. Ned faz galanteios para a linda jovem. A jovem Julie aceita o convite para acompanhá-lo na exploração do Rio Lucinda.

Na verdade, Neddy não percebe Julie como ela é. A percepção de um homem imerso no auto-engano é uma percepção deformada - não apenas com respeito a si, mas também com respeito ao outro. A Julie Ann Hooper que está diante de si, é a jovem ninfeta que era *baby-sitter* de sua família. Para ele, Julie é uma imagem de desejo distante – mas presente na fantasia - do passado. Mais uma vez, percebemos que Ned está deslocado do tempo presente. Por isso a percebe como ela foi e continua sendo para ele.

Enquanto conversam no bosque que separa a piscina dos Lears da piscina dos Bunkers, Neddy projeta na sua mente, imagens que demonstram a dimensão onírica daquele passeio no bosque com Julie. Naquele momento, a jovem confessou de modo quase ingênuo, ter tido fantasia de adolescência com ele. Nesse momento, a câmera – mais uma vez - projeta imagens da mente de Neddy. É o olhar subjetivo da câmera de Frank Perry. Imagens do desejo e dos sonhos - depois de imagens do cavalo selvagem, Neddy projeta imagens da jovem Julie.

Caminhando ao lado dele, ela diz que era louca por ele, mas que era apenas uma criança. Ned se impressiona com a confissão dela. Mas, a jovem Julie distinguiu *fantasias* da *realidade*, tempo passado do tempo presente. Como ela disse – ela era apenas uma criança. Entretanto, Neddy não tinha tal capacidade de distinguir *fantasias* da *realidade*: imerso no seu mundo imaginário, ele confundia tempo presente com o tempo passado e projetava nele sua verdade (puro engano) sobre a sua vida de homem de família, feliz e bem sucedido com mulher e ótimas filhas. E pior: vivia nesse mundo imaginário. Em algum momento, Neddy Merrill perdeu contato com o real que tornou-se insuportável para si.

Neddy e Julie chegam na piscina dos Bunkers onde está ocorrendo uma festa à beira da piscina. Ned, o sumido, aparece de repente, exibindo uma linda jovem que ele apresenta como *baby sitter* da família. Novamente alguns convidados da festa dos Bunkers parecem querer ligá-lo com o mundo real: oferecem um emprego, mas Ned, indiferente, se esquivava, saindo de fininho. Nesse momento, verificamos que Neddy é, na verdade, um homem fracassado nos negócios e provavelmente separado da família (Lucinda e filhas). Mas ele – diante dos amigos e amigas - não se apresenta como tal, vivendo num mundo próprio. Ned e Julie atravessam a nado a piscina dos Bunkers e prosseguem seu percurso pelas margens do Rio Lucinda.

Um detalhe curioso: logo ao sair dos Bunkers, ele observa – *en passant* – no bosque, a presença das flores dente-de-leão, observando que elas estão fora da estação. Talvez a observação de Neddy acuse seu desligamento do tempo presente, o tempo das estações e do florescer natural. Talvez apenas Neddy tenha observado as flores Dente-de-Leão naquele bosque. Na verdade, elas eram imagens de

sua mente doentia – um delírio de anseios expressos por imagens (como, por exemplo, a imagem do cavalo selvagem). A flor Dente-de-leão possui o significado de liberdade, otimismo, esperança e luz espiritual. A mente ensimesmada de Ned produz imagens de desejo alienados de si.

Com Julie, Ned mostra estar ainda em forma física. Num playground no bosque, eles correm, superando obstáculos com a força da jovialidade. É o momento de exibição – em *slow-motion* - o ganhão Neddy Merrill, ao lado da jovem de 20 anos, quer demonstrar que superou o tempo. De repente a queda. Foi a primeira queda de Neddy - real e metafóricamente, pois ali, a falha no salto do obstáculo, operou uma ligação dele com o mundo real do Neddy de meia-idade. A queda causou-lhe uma pequena contusão. Ele fraqueja. Julie o acompanha.

No íntimo, Neddy sente atração pela imagem de Julie - pelo que ela representa. De repente ele sugere uma maior aproximação entre eles. Esboça um assédio. Mas, sentindo-se incomodada, Julie foge. As duas *quedas* de Ned – cair após a tentativa de transpor o obstáculo e a fuga de Julie - nos mostram um personagem que vai se deparando, pouco a pouco, com o mundo real. Ele não é o que imagina ser. Seria o mundo real insuportável para Neddy?

Ao longo do seu *caminho* pelo imaginário Rio Lucinda, Ned vai aos poucos, frustrando sua auto-imagem. No íntimo ele é um fracassado. Deu calotes. Fracassou nos negócios. Fracassou no casamento e nas relações com as filhas. Ele também fracassou com os amigos pois ausentou-se e quando apareceu, foi para pedir dinheiro emprestado (como fez com o casal Hallorans). Aos poucos, percebemos que Neddy Merrill tornou-se *persona non grata* para sua roda de amigos de “classe média”. Na verdade, o estilo cavalheiresco de Neddy oculta uma pessoa que não se importava muito com o próximo - solitário, criou um mundo que não existe mais (e não sabemos se algum dia chegou a existir: o mundo da família perfeita, com Lucinda e suas filhas Ellem e Aggie).

Existe uma questão de *classe social* que perpassa o mundo de fantasia e auto-engano de Neddy Merrill. Na medida em que construiu sua própria aparência descolada do mundo real de homem fracassado, ele representa de modo exacerbado, a ideologia de “classe média” que cultua demasiadamente as aparências. O ensimesmamento é um modo de viver a *aparência* – aparência para si. Temos um duplo movimento de alienação: primeiro, com o fracasso que o fez romper com o ideal de sucesso cultivado pela sua “classe social”, Neddy Merrill se *deslocou* efetivamente do campo social (e ideológico) do mundo burguês. Nesse momento, tornou-se um exilado de si mesmo. Por isso, num segundo momento, no plano da *fantasia*, se reaproximou do mundo burguês construído por si (a família feliz e harmoniosa).

Estamos no plano da especulação, pois a narrativa filmica nos apresenta apenas indícios do tempo passado de Neddy Merrill. Não sabemos porque ele efetivamente fracassou. Mas sabemos que Ned idealiza um mundo pessoal e familiar que objetivamente não existe mais. Como anti-herói grotesco, Ned representa o anverso da aparência de felicidade e bem-estar que a “classe média”

cultiva (com muita bebida). A fantasia da aparência ensimesmada de Ned Merrill é o anverso da ideologia da aparência de sua própria classe social. No mundo social da classe média exposta no filme “The swimmer” não existe espaço para fracasso ou angústia. A presença da bebida e festas a beira da piscina expõe um mundo suburbano de efusiva alienação de si e dos outros. A bebida – que logo no início do filme é oferecida a Neddy – é o símbolo da alienação que caracteriza a “classe média” suburbana nos EUA. Entre os muros de seus condomínios, a alta “classe média” festeja o *American way of life*. Nos interrogamos: o que tanta bebida oculta? Portanto, talvez Neddy no seu mundo de auto-engano represente, de forma extrema e delirante, o mundo de auto-engano da burguesia. Assim, ao fracassar por conta das contingências da vida burguesa, Neddy Merrill apenas reafirmou, de modo invertido, seu ethos de “classe média”.

Refletir sobre o porquê do fracasso de Neddy Merrill é pura especulação. O que podemos apreender pelos indícios da narrativa filmica, é que ele demonstrou ser uma pessoa irresponsável e descuidada com negócios, família e amizades. Talvez tenha levado ao extremo as idiosincrasias de sua própria classe social, ou não teve sorte (ou personalidade) suficiente para driblar os reveses da vida pequeno-burguesa.

Após ser deixado por Julie Ann Hopper, que fugiu de seu assédio, Neddy se dirige à piscina dos Hallorans, um casal burguês de velhos ricos, nudistas e reservados. Ao verem Ned, a velha Halloran logo identifica nele uma visita *non grata* – imagina que ele veio pedir dinheiro emprestado. O marido Chester discorda da intuição da mulher. Naquele momento, percebemos a futilidade e arrogância burguesa de seus ex-amigos. Diante da indiferença do casal, Neddy atravessa a nado a piscina e vai adiante em sua exploração.



Nada está muito claro nas relações humanas no mundo social de “The swimmer”. Os devaneios de Ned se contrastam com a arrogância, vaidade e alienação dos burgueses adultos à beira de suas piscinas festivas num dia ensolarado de domingo. A piscina é um símbolo de *status* e *prestígio* da “classe média”. É um espaço privado – embora possa também um espaço público, como a piscina pública do outro lado da auto-estrada, frequentada pelas famílias de classe média baixa. Em torno das piscinas da pequeno-burguesia endinheirada, vive-se a sociabilidade etílica que oculta o vazio das vidas da burguesia suburbana.

Ao sair do condomínio dos Hallorans, Neddy dirige-se à piscina dos Gilmartins e encontra o pequeno Kevin Gilmartin Jr., solitário, vendendo limonada num caminho que ninguém cruza num domingo a tarde. Ele parece ser um menino solitário com pais separados. No filme de Frank Perry, crianças e adolescentes das famílias burguesas não compõem o universo dos adultos. Nas festas dos adultos à beira das piscinas não encontramos crianças ou adolescentes. Pais estão separados dos filhos. A família burguesa é um mito – ela não aparece nas rodas festivas à beira da piscina, mas apenas o casal que se aliena nas relações fetichizadas de amizade. Por exemplo, ao chegar na piscina dos Lears, encontramos apenas adolescentes – incluindo a jovem Julie Ann Hooper que acompanha o irmão provavelmente namorado da filha da família Lears. Mais tarde, o pequeno Kevin, filho da família Gilmartins, encontra-se sozinho à beira do caminho, numa casa onde a piscina está vazia: o casal Gilmartin está separado – a mãe divorciada em viagem de lua de mel com o novo marido e o pai longe morando com a nova mulher. A piscina da família Gilmartin está esvaziada.

Kevin é a própria expressão da criança solitária. Talvez Kevin Gilmartin Jr. seja a projeção passada do jovem Neddy Merryl. Nada sabemos da infância de Ned. Mais uma vez, apelamos para uma especulação – talvez possamos imaginar que o jovem Kevin seja a representação do jovem Ned e sua infância solitária. Neddy tenta ajudá-lo a beira da piscina vazia, dando-lhe força moral. A piscina vazia é a metáfora da vida vazia dos Gilmartin. Como Neddy poderia atravessar uma piscina vazia para prosseguir sua exploração pelo Rio Lucinda? Ele diz ao jovem Kevin que vai imaginar que ela esteja cheia de água e que eles podem fazer de conta que estão nadando. Eis a representação candente da vida de faz-de-conta de Neddy Meril.

Após atravessar, ao lado de Kevin, a imensa piscina vazia num nado imaginário, Neddy prossegue a caminhada, mas logo retorna, de imediato, pois percebeu que Kevin subiu no trampolim da piscina vazia. Preocupado, ele imaginou que Kevin fosse pular. Entretanto, Kevin apenas observava a profundidade do espaço vazio da piscina. Na verdade, a dificuldade em diferenciar fantasia e realidade, fez com que Neddy imaginasse que Kevin poderia pular na água imaginária da piscina vazia.



Aos poucos, Neddy Merrill é hostilizado pelas famílias que visita para cruzar a nado a piscina. Ele sente não apenas a frieza do tempo que ameaça uma tempestade, mas a frieza das almas amesquinhas da sua classe social que hoje o renega. Pouco a pouco, o sol radiante da manhã de domingo que abre o filme, é substituído por nuvens negras que ameaçam fechar o tempo. Ele chega à mansão dos Biswangers. É a mansão mais burguesa que ele encontra pelo caminho, ostentando uma imensa piscina coberta onde oferecem uma festa. Neddy é recebido com frieza, indiferença e hostilidade. Afirmando auto-engano, ele exclama: “Sou alguém muito especial: nobre e esplêndido”. Ele cruza a piscina a nado e, ao sair, encontra um carrinho de bebida bastante familiar que diz ser dele e ele quer de volta. Nesse momento Neddy demonstra estar imerso num estranho mundo familiar que não existe mais, um mundo tão alienado de si quanto o carrinho de bebida que ele tentou resgatar. É humilhado e expulso pelo Biswangers como *persona non grata*.



Finalmente, Neddy Merrill chega na piscina de Shirley Abbot, sua ex-amante onde ele se depara com indiferença, ressentimento e hostilidade. Shirley encontra-se sozinha à beira da piscina. Parece ser uma mulher solitária que guarda no peito a amargura do caso amoroso com Neddy Merrill,

que a seduziu, iludindo-a com promessa de casamento. Mas Neddy nunca renunciou a família, preferindo manter a *aparência* do casamento feliz – o que é comum nas famílias burguesas.

Aos poucos, percebemos que Neddy Merrill é um homem fracassado não apenas nos negócios, mas fracassado no casamento. A perda de *status* e *prestígio* devido o fracasso profissional e familiar jogou, estigmatizou-o, jogando-o no limbo da solidão no interior de sua própria classe social. Podemos supor que o *ensimesmamento* e o *auto-engano* foi o mecanismo de defesa utilizado por ele para integrar seu ego devastado pela profunda solidão e pela exterioridade que lhe confrontou como um pesadelo terrível. Ele não é o que pensa ser - não apenas o tempo passou, mas na passagem do tempo ele se perdeu em si e para si.

Nas cenas finais do filme, percebemos a tragédia grotesca de Neddy Meril. Ele é um homem descalço, perdido e confuso, tentando atravessar a movimentada rodovia no final da tarde de domingo. Ele precisa atravessa-la para dirigir-se à piscina pública do condado e de lá chegar a sua casa, onde concluirá a sua longa (e trágica) caminhada pelo Rio Lucinda. Na piscina pública, última estação da sua odisseia de auto-engano, Neddy é recebido com a fria indiferença e hostilidade de algumas pessoas que o reconhecem – com exceção do jovem casal que o reconhece na bilheteria da piscina pública e pagam para ele, o ingresso. A piscina pública está lotada e ele mal consegue cruzá-la. É o mundo vívido da baixa pequena-burguesia cujas famílias ocupam a piscina pública nos dias de domingo ensolarado. A presença de crianças e adolescentes das famílias pequeno-burguesas é flagrante. Neddy possui também má reputação entre os pobres de “classe média”. Logo ao sair da piscina, encontra um casal que o reconhece como um devedor caloteiro. Torna-se alvo de imprecacões e insultos dos pequenos comerciantes que expõe seu fracasso como pai. Dizem que as próprias filhas o ridicularizavam, considerando-o uma “grande piada”. Enfim, fecha-se o círculo da desmitificação de Neddy Merrill. Acuado pelo passado que renegou, ele foge da piscina pública chegando a sua velha casa que encontra-se vazia, tão vazia quanto sua vida pessoal.

A lição de moral que podemos apreender no filme “The swimmer” é que Neddy Merrill colheu objetivamente os resultados de suas ações humanas. Percebemos o desprezo que todos tem por ele tendo em vista seu fracasso financeiro e fracasso familiar. É claro que nem todos hostilizaram Neddy Merrill – por exemplo, os Westerhazy, Forsburgh, Grahams e inclusive os Bunkers. Mas, logo a seguir, encontra recepção cordial apenas com adolescentes e crianças (por exemplo Julie Ann Hooper e o pequeno Kevin Gilmartin Jr.). Encontra frieza com os Hallorans e hostilidade com Biswangers e com Shirley Abbot. Na piscina pública, apesar de encontrar alguém que paga seu ingresso, torna-se hostilizado pelos Howies. Enfim, o ethos burguês é baseado em relações fetichizadas. Enquanto Neddy Merrill era um homem correto nos seus compromissos financeiros e mantinha a aparência do casamento feliz, encontrou respaldo nas pessoas de sua classe social. Entretanto, depois que ele se afundou financeiramente, perdendo status e prestígio, e, ao mesmo tempo, foi abandonado pela

mulher e filhas, tornou-se estigmatizado. Ele vive o Inferno sartreano que sensível às relações fetichizadas do mundo burguês detectou o distanciamento intrínseco às relações interpessoais na sociedade burguesa. ao dizer que “o Inferno são os outros”. Na verdade para o burguês o Inferno são os outros, por isso aproximar-se do outro-como-próximo é impossível para aquele que está imerso em relações sociais fetichizadas. O outro é insuportável, por isso o que nos deparamos nos círculos de amizade são contatos superficiais, baseados em etiqueta sociais que ostentam signos de status e prestígio.

O mundo pequeno-burguês é o mundo da superficialidade, aparência e ostentação das coisas. Por exemplo, a ressaca dos Westerhazy na manhã de domingo, demonstra que, para eles, o fim-de-semana é regado a bebida alcoólica. Aliás, a presença constante da bebida alcoólica nas festas dos adultos expõe um mundo de alienação da “classe média”; ou ainda, a vida de negócios dos Forsburgh trajado como homem de negócio em pleno domingo; ou a fala dos Grahams exclamando, com orgulho, que tem um filtro na piscina que limpa a água em 99,99% de resíduos sólidos.

No filme “The swimmer”, a fala cotidiana dos personagens de “classe média”, falas impregnadas de futilidades e banalidades, se contrastam com as fantasias heróicas e delirantes do nobre Neddy Merrill, o explorador do Rio Lucinda. Ao atravessar as piscinas das famílias pequeno-burguesas, percebemos que Neddy Merrill encontra-se deslocado – ou flutuando numa dimensão etérea – que o distingue do mundo vazio da “classe média”. Pelo menos, Neddy Merrill encontrou nobreza humana na sua loucura. Como dissemos acima, o auto-engano é não apenas um mecanismo de defesa do ego deprimido de Neddy, mas um refúgio humano alienado do candente prosaísmo da vida burguesa. Talvez o ensimesmamento e o auto-engano operem o mesmo mecanismo psíquico da religião, que, de acordo com Marx, é “o espírito de um mundo sem espírito”. Os devaneios alienados de Neddy, o seu auto-engano e ensimesmamento, são expressões alienadas do homem fracassado que, reencontrou-se com sua nobreza humana num mundo “além da imaginação”.

Nas cenas iniciais do filme “The swimmer”, a câmera focaliza, do alto, Neddy saindo do bosque e entrando como um verdadeiro deus do Olimpo que desce a Terra, num mergulho na piscina dos Westerhazy. A manhã de domingo está radiante – um maravilhoso céu claro que festeja o domingo. Entretanto, no final do filme, a câmera está rebaixada à altura de olhos de Neddy Merrill, que se aproxima da porta de sua casa, andando com muita dificuldade. A quadra de tênis está abandonada. Ressoam apenas sons do passado – as filhas jogando tênis com o pai. O final da tarde de domingo está chuvoso. Enquanto Neddy está caído, batendo na porta da sua casa abandonada, a câmera faz um interessante movimento - entra pela janela da casa para focalizar a sala de estar esvaziada e a porta de entrada fechada.

Enfim, o Rio Lucinda era uma fantasia trágica de Neddy Merrill que o conduziu apenas a uma mansão vazia. O filme de Frank Perry nos mostra que Ned não é um herói grego, um explorador

desbravador do Rio Lucinda, um homem nobre e esplêndido, como ele imaginava ser, mas apenas um frágil homem derrotado por si e pelas circunstâncias da vida pessoal de “classe média”.

Entretanto, a tragédia de Neddy Merryl não é uma tragédia clássica. Ele não é um herói trágico no sentido clássico, pois demonstrou no seu percurso não ter consciência de sua miséria humana. Pelo contrário, no decorrer do filme, ele sustentou uma fantasia de auto-engano desvelada pouco a pouco pela narrativa filmica. A auto-ilusão ou o auto-engano compõem sua visão alienada de si e do mundo social no interior da qual ele se insere. Podemos dizer que Neddy Merril é o herói da tragédia grotesca da alta modernidade às vésperas da crise estrutural do capital, homem burguês ensimesmado, cujo percurso no mundo social da “classe média” suburbana - a “classe média” branca endinheirada nos EUA (não vemos negros no filme) – expos sua fantasia alienada na mesma medida que expos a alienação – superficialidade, banalidade e futilidade – da pequena-burguesia imersa no prosaísmo da afluência americanista. O sofrimento de Neddy Merril na cena final do filme não possui um sentido catártico. Podemos dizer que ele apenas se *paralisou* diante do insuportável mundo real do fracasso pessoal, profissional e familiar.

**Giovanni Alves** é professor da UNESP – Campus de Marília